

Teologia das Religiões

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marcal Ribeiro
(Organizadores)

Teologia das Religiões

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T314 Teologia das religiões [recurso eletrônico] / Organizadores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marcal Ribeiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-068-1

DOI 10.22533/at.ed.681192401

1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Ribeiro, Paulo Rennes Marcal.

CDD 200.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Sonhos se constroem com várias mãos”. Assim nasceu esse trabalho. Assim nascem os projetos de Solange Monteiro e Paulo Rennes. Assim se fertilizam em nós os seus sonhos. Assim se tecem as malhas de que é composto este todo universo da Diversidade. As questões que nos inquietam, os dilemas que nos afligem, os paradigmas que nos desafiam em práticas acadêmicas, docentes, constantes, se imbricam no amálgama pulsante desta obra que visa, acima de tudo, “desacomodar”. Pois que tudo que pulsa é vivo, está imerso na dinâmica do que se transforma, no impulso do que se recria, na ânsia do que se reinventa. Esta a matéria de que se alimenta essa reunião de pensamentos, essas vozes que se encontram, esses fios que se comungam em discussões teóricas. Desacomodar diante de tudo que não é “deslimite”, como diria Manoel de Barros. Trazer ao centro das discussões tudo que possa ter ficado à margem, de alguma forma. Questões relativas à religião, identidade, cultura, formação, representatividade, alienação, persuasão, silenciamento, subalternidade, apropriação, resistência. Assim é que o primeiro artigo deste livro, de autoria Edson Munck Junior Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora **“Vim para sofrer as influências do tempo / E para afirmar o princípio eterno de onde vim”**: a resignificação do sagrado em Murilo Mendes. O objetivo do trabalho é o de contribuir para o debate pertinente a obra poética *Tempo e eternidade*, publicada por Murilo Mendes em 1935, pode ser lida como promotora de diálogo entre o modernismo e a tradição bíblico-cristã. O livro, elaborado em parceria com o poeta Jorge de Lima, tinha, em sua primeira edição, a epígrafe “restauraremos a Poesia em Cristo”. No artigo **A Doutrina da Salvação no Brasil e a Violência Contra a Mulher e Os Direitos Humanos**, autora pretende demonstrar que nas matrizes mentais do pensamento vigente brasileiro existe uma influência teológica visibilizadas em imagens e em crenças, e que essas representações, além de serem extremamente violentas, revelam dois paradigmas cunhados na história do cristianismo e recriados na colonização do Brasil pela América Portuguesa. Os temas polêmicos também estão presentes no artigo, a Imprudência de Moisés, uma Reflexão a Partir de Números 20.2-13. Com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida de Reginaldo Pereira de Moraes Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia (Mestrado Profissional) Curitiba – Paraná. **No Artigo “a Influência dos Movimentos Sociais na Formação da vontade do Estado Brasileiro e na Promoção dos Direitos Humanos** das autoras de Rosângela Angelin e Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa, aborda o tema *Direitos Humanos e Movimentos Sociais no Brasil*, tendo como parâmetro indagar acerca da influência dos movimentos sociais na formação da vontade do Estado brasileiro e na consequente promoção dos direitos humanos. **No artigo A questão Fenomênica da Morte e a Possibilidade de uma Fenomenologia do Morrer nas Ciências das Religiões** de autoria de Ana Cândida Vieira Henriques, a autora pretende expor os

diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das Ciências das Religiões. Arraias – TO e a Festa de Nossa Senhora das Candeias: Aspectos Histórico-Devocionais de autoria de Joaquim Francisco Batista Resende, descreve a história da cidade e sua correlação com a vivência da fé cristã a partir desse festejo. Relatar-se-á historicamente a devoção, numa retrospectiva dentro da história da Igreja do Brasil e sua inserção na vida da comunidade. No artigo **Campanhas da Fraternidade Ecumênicas: Espaço para a Convivência Ecumênica de Crianças, Adolescentes e Jovens** dos autores Luís Felipe Lobão de Souza Macário CEM Joana Benedicta Rangel / CE Elisiário Matta Maricá/RJ, sobre as campanhas da fraternidade ecumênicas realizadas nos anos de 2000, 2005 e 2010, utilizando como principais fontes de pesquisa seus respectivos manuais para, através de uma leitura crítica, destacar sua origem, sua organização, seus objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de seus temas. No artigo **Os Sentidos para Confissão Católica no Discurso do Papa Francisco**, dos autores Heitor Messias Reimão de Melo, Letícia Jovelina Storto, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro os autores procuram analisar a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). **Descalça-te, a Terra é Sagrada: A Hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo Na História Bíblica Do Êxodo 3:5.** de autoria Erielton de Souza Martins, este artigo relata artigo relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. No artigo o **Hibridismo Religioso: As Tradições Católicas, Afro-Brasileiras e o Espiritismo** de autoria de Eroflim João de Queiroz, o autor investigar nas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras a influência do hibridismo religioso nos elementos apropriados pela doutrina Kardecista para sua configuração no Recife. No artigo **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas**, o autor Anderson Fernando Rodrigues Mendes Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), e suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo O Filho e o Espírito Santo, de autoria de Aurea Marin Burocchi. A autora busca realizar uma aproximação do Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária. **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas, de autoria de** Anderson Fernando Rodrigues Mendes, que investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo **O Livro de Ester: Análise do Livro A partir da Teoria da Enunciação e Sua Contribuição para Compreensão da**

História, de autoria de João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues, o autor busca mostrar não neutralidade a linguagem, marcada pelas influências que recebemos e por como o outro a acolhe. No artigo **Os fundamentos e missão da pastoral do meio ambiente** de autoria de Ulysses Gusman Júnior, aborda sobre o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe apresenta-nos a necessidade do cuidado com a criação, lembrando que a criação é manifestação do amor providente de Deus.

No artigo religião e Esfera Pública: Os Riscos da Violação de Neutralidade do Estado Laico de autoria de Sérgio Murilo Rodrigues, aborda as duas teses centrais de Carl Smith em *Politische Theologie* (1922) são: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” e “todos os conceitos expressivos da doutrina do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados”. **Religião e Religiosidade entre os Imigrantes Japoneses no Rio Grande Do Sul: Diálogos Culturais entre Brasil e Japão dos autores Tomoko Kimura Gaudioso e André Luis Ramos Soares**, o trabalho busca apresentar as adaptações, remanejamento e práticas religiosas percebidas entre os imigrantes japoneses residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Sujeito de Direitos Humanos, Sujeito da Cultura Hebraica e Sujeito em Alain Touraine: Interfaces, o autor** Noli Bernardoahn procura-se demonstrar interfaces possíveis entre a compreensão de Alain Touraine sobre sujeito e ator/atriz social, o sujeito profético da cultura hebraica, especificamente a partir do livro bíblico de Miquéias 3,8, e o sujeito de direitos humanos, compreendendo-o situado espacial e temporalmente. No artigo **UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR**, o autor Rômulo Anderson Matias Ferreira, investiga a relação íntima com a corporeidade até o ponto de não poder prescindir dela. A partir da definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde, é cada vez mais pacífico que a saúde é uma realidade multidimensional, fazendo surgir a necessidade de compreensão dos aspectos que a compõem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
“VIM PARA SOFRER AS INFLUÊNCIAS DO TEMPO / E PARA AFIRMAR O PRINCÍPIO ETERNO DE ONDE VIM”: A RESSIGNIFICAÇÃO DO SAGRADO EM MURILO MENDES	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6811924011	
CAPÍTULO 2	17
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO NO BRASIL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS	
Claudete Ribeiro de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.6811924012	
CAPÍTULO 3	28
A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13	
Reginaldo Pereira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6811924013	
CAPÍTULO 4	40
A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA VONTADE DO ESTADO BRASILEIRO E NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Rosângela Angelin	
Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6811924014	
CAPÍTULO 5	56
A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	
Ana Cândida Vieira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.6811924015	
CAPÍTULO 6	69
ARRAIAS – TO E A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS: ASPECTOS HISTÓRICO-DEVOCIONAIS	
Joaquim Francisco Batista Resende	
DOI 10.22533/at.ed.6811924016	
CAPÍTULO 7	75
SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Letícia Jovelina Storto	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6811924017	
CAPÍTULO 8	86
CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS: ESPAÇO PARA A CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	
Luís Felipe Lobão de Souza Macário	
DOI 10.22533/at.ed.6811924018	

CAPÍTULO 9	95
DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.	
Erielton de Souza Martins	
DOI 10.22533/at.ed.6811924019	
CAPÍTULO 10	102
HIBRIDISMO RELIGIOSO: AS TRADIÇÕES CATÓLICAS, AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO	
Eroflim João de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.68119240110	
CAPÍTULO 11	113
MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS	
Anderson Fernando Rodrigues Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.68119240111	
CAPÍTULO 12	121
O FILHO E O ESPÍRITO SANTO	
Aurea Marin Burocchi	
DOI 10.22533/at.ed.68119240112	
CAPÍTULO 13	137
O LIVRO DE ESTER: ANÁLISE DO LIVRO A PARTIR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA	
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240113	
CAPÍTULO 14	144
OS FUNDAMENTOS E MISSÃO DA PASTORAL DO MEIO AMBIENTE	
Ulysses Gusman Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.68119240114	
CAPÍTULO 15	153
RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: OS RISCOS DA VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE DO ESTADO LAICO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240115	
CAPÍTULO 16	160
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO RIO GRANDE DO SUL: DIÁLOGOS CULTURAIS ENTRE BRASIL E JAPÃO	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.68119240116	
CAPÍTULO 17	167
SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS, SUJEITO DA CULTURA HEBRAICA E SUJEITO EM ALAIN TOURAINE: INTERFACES	
Noli Bernardo Hahn,	
DOI 10.22533/at.ed.68119240117	

CAPÍTULO 18	180
UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR	
Rômulo Anderson Matias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.68119240118	
SOBRE OS ORGANIZADORES	186

O FILHO E O ESPÍRITO SANTO

Aurea Marin Burocchi

PUC Minas e ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino) Belo Horizonte, MG

SÍNTESE: As relações do Filho e do Espírito Santo se dão, essencialmente, na presença do Pai, pois as pessoas na Santíssima Trindade estão sempre em relação e são em relação às outras. A partir daí, este artigo se propõe a aproximar elementos de uma cristologia pneumatológica sobre os quais os cristãos refletiram durante os primeiros séculos do Cristianismo e que, por vários motivos, acabaram por deixar de lado ao longo da história. Objetivo é o de aproximar o Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária.

PALAVRAS-CHAVE: Filho. Deus. Trindade. Espírito Santo.

ABSTRACT: The relations between the Son and the Holy Spirit happen, essentially, in the presence of the Father, because the divine persons in the Holy Trinity are always relative and are in relation one each other. From that basis, the few pages of this article intend to bring elements of a pneumatic Christology upon which Christians reflected during the first centuries of Christianity and who, for various reasons, eventually set aside of that way

throughout history. The purpose of this reflection is to approach the Holy Spirit to common life of contemporary men and women, with all the wealth that is living the communion of Trinitarian life.

KEYWORDS: Son. God. Trinity. Holy Spirit.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a relação do Espírito Santo com Jesus Cristo e a filiação deste com o Pai, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó. Para tanto, inevitavelmente se tratará da Santíssima Trindade, pela própria natureza do tema, pois a Filiação do Verbo já remete à origem sem origem do Pai. E ambos, Pai e Filho, na tradicional teologia cristã, trazem o Espírito Santo, *vinculum caritatis*.

É preciso ter presente que o dogma da Santíssima Trindade não se encontra nas Sagradas Escrituras, mas que a reflexão cristã chega à sua formulação nos primeiros séculos do Cristianismo como resposta às várias dissensões surgidas nas comunidades cristãs. Durante os séculos seguintes, por vários motivos internos – heterodoxias, e externos – as invasões dos povos germânicos que provocaram a queda do Império Romano do Ocidente, que levou uma reorganização forçada

da vida das comunidades cristãs, o dogma acabou por sofrer reduções, o que fez com que, por cerca de 1600 anos (MUÑOZ 2002, p. 8), a Igreja se calasse sobre a Trindade e, especialmente sobre a terceira pessoa do dogma trinitário, isto é, o Espírito Santo.

Alguns motivos para esse silêncio em relação ao Espírito foram: as dificuldades com os movimentos de caráter carismático nos primeiros séculos da história da Igreja; a teologia que servia a interesses históricos relacionados a fatos pontuais; um acentuado “cristomonismo” da teologia ocidental; e, em consequência disso tudo, uma doutrina da graça, incipiente (SCHNEIDER 2002, p. 404-405).

Uma dificuldade no tratamento do tema, portanto, já se prenuncia: superar a doutrina da inabituação do Espírito Santo no homem Jesus de Nazaré, para que a pessoa do Espírito Santo apareça com a beleza de sua distinção do Pai e do Filho e, por isso mesmo, esteja tão intimamente unido a eles que possamos dizer que ele é o Espírito do Pai e do Filho.

Em sua auto-revelação, Deus-Trindade se mostra como ele é: relação amorosa, gratuita, agradecida e aberta à novidade. Ou seja, é Pai, iniciativa amorosa que sai de si mesmo, esquecendo-se e dando-se ao outro gratuitamente; é Filho, acolhida agradecida, total, do outro; é Espírito Santo, novidade graciosa do amor dado e recebido.

2 | INICIANDO A REFLEXÃO

Falar da relação do Cristo com o Espírito Santo é um desafio instigante. Por um lado, pode-se considerá-lo altamente especulativo, se partirmos de uma cristologia descendente, uma vez que quase tudo pode ser dito de modo descomprometido. Por outro lado, quando se adota o método mais caro aos teólogos contemporâneos, a cristologia ascendente, que nos permite uma cristologia narrativa, inevitavelmente se depara com a história e as questões a respeito da historicidade do homem chamado Jesus, originário de Nazaré. Entretanto, nem uma nem outra cristologia satisfaz plenamente a reflexão do pesquisador. Será necessário apropriar-se do melhor de ambas para uma teologia que responda à pergunta: qual a relação de Jesus Cristo com o Espírito Santo?

É possível adentrar o mistério de Deus Trindade porque as primeiras comunidades deixaram a memória escrita de que Jesus mesmo falou do Pai, de onde veio, e do Espírito Santo que enviaria. A falta de uma teologia madura nos escritos do Novo Testamento não deve ser grande preocupação para os cristãos, uma vez que a Igreja acredita no “processo de evolução do dogma”. Foram as comunidades dos primeiros séculos e o esforço generoso dos Padres da Igreja antiga que nos legaram a teologia da Santíssima Trindade: um Deus, três Pessoas, diante do desafio de explicar quem era Jesus Cristo no contato dos cristãos com o mundo greco-romano e “pagão”.

As narrações que as primeiras comunidades cristãs nos deixaram sobre a

vida de Jesus, o Cristo Senhor, o Filho do Deus Vivo têm como centro original a paixão, morte e a inefável experiência da ressurreição do Nazareno. A partir dessa experiência, pessoal e comunitária, que mudou a vida dos primeiros companheiros de medrosos a missionários destemidos, de desiludidos a profetas de esperança, os escritos neotestamentários se estenderam para as narrativas do ministério e, no caso de Lucas e Mateus, do “nascimento maravilhoso” da infância daquele que entenderam ser o Filho de Deus.

Esses relatos são “históricos” na medida em que tratam de alguém que realmente existiu, que conviveu com os apóstolos e discípulos; que percorreu as estradas da Palestina de 2000 anos atrás, sob o domínio do Império Romano, encontrando pessoas do modo mais verdadeiro e, por isso mesmo, curando-as; que divulgou a mensagem do Reino de Deus já em ação. Entretanto, esses mesmos relatos carecem das confirmações da historiografia moderna, enquanto sobejam no testemunho de fé de quem os produziu e conservou. Portanto, os relatos sobre a vida de Jesus a que temos acesso não podem ser tomados como rigorosamente biográficos, mas em si mesmos uma confissão da comunidade de onde provêm e de seus autores.

As comunidades que se desenvolveram na Palestina por volta dos anos 30 d.C., depois de Pentecostes, ao se expandirem pelo Império Romano, inevitavelmente tiveram que entrar em diálogo com a cultura “hegemônica” da época: a helênica. Muitos autores classificam esse processo como “helenização” do cristianismo (MORESCHINI 2013, 11-19). Os cristãos, a princípio de origem judaica, viram-se forçados a se explicar em língua grega, assumindo com ela aquilo que lhe era ínsito: a cultura, os conceitos da filosofia para explicar a fé que, inicialmente, foi vivida e compreendida nas categorias muito concretas da cultura semítica.

Já os textos mais teológicos como os de João (1, 1ss) e Paulo (Romanos, Efésios, Colossenses), por outro lado, apresentam-nos uma teologia ainda incipiente, não tão desenvolvida quanto a que os quatro primeiros concílios ecumênicos proporão nos séculos posteriores: Niceia–325, Constantinopla–381, Éfeso–431, Calcedônia–451 (MOIGNT 2008, p. 599-600). Esses concílios tentam dar uma resposta ortodoxo-institucional a opiniões ou afirmações heterodoxas, em grego, literalmente *αἵρεσις*, “heresia”, para a pergunta: quem é Jesus Cristo?

Nesse sentido, é interessante que se leve em conta o fato de os dogmas não terem a intenção de apreender totalmente e “engessar” Deus em um conceito (FORTE 2003, p. 13). Eles são um ponto de chegada da comunidade crente que se reúne ao redor de um enunciado comum importante para continuar a viver na comunhão do corpo de Cristo que é a Igreja.

Bruno Forte sublinha o fato de que os concílios, e especialmente o último deles, o de Calcedônia, não estão preocupados em definir objetivamente as expressões usadas; seu objetivo é formular, de modo inteligível, a experiência de fé da Comunidade. O concílio “as consagrará [algumas expressões] como resposta funcional à interrogação concreta ‘quem é?’, assim como ‘essência’ ou ‘natureza’ respondem à pergunta ‘o

que é?” (FORTE 1993, p. 72). A conclusão a que se pode chegar é que, na realidade, “a fórmula dogmática termina assim por evocar a realidade que pretende expressar, sem capturá-la: ela tem um valor quase apofático e constitui um início mais que uma conclusão” (FORTE 1993, p. 72). A Igreja sempre entendeu que, em todo esse processo, foi o Espírito Santo quem guiou a comunidade dos crentes nas decisões a serem tomadas.

Tais esclarecimentos são importantes para que se compreenda que as definições dogmáticas dos primeiros séculos de Pai (Origem sem origem), Filho (*Logos*) e Espírito Santo (*Pneuma*) são ligeiramente diferentes das concepções judaico-cristãs das origens. Nos textos do Novo Testamento, o Espírito Santo pode ser entendido como um *dynamis*, uma força de vida vinda de Deus, mas não como uma pessoa subsistente e distinta, como os concílios dos séculos seguintes definirão.

3 | O ESPÍRITO SANTO E A ENCARNAÇÃO DA PALAVRA DO PAI

“No princípio era o Verbo. E o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne, E habitou entre nós” (Jo 1,1.14). “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”, eis a parte central do núcleo da fé em Jesus Cristo (HURTADO 2012, p. 40), que, juntamente com a morte e ressurreição, compõe o Credo das primeiras comunidades. Acreditar que Deus, o eterno e infinito, assumiu a carne humana, o finito, o contingente, causou muitas dificuldades para a fé dos cristãos dos primeiros séculos (cf. Lc 24,27; 1Cor 1,22-23). Como explicar que Deus “deixou os céus” e “entrou” na sua criação, tornando-se parte dela? A proposta cristã é, em muitos sentidos, um paradoxo que nem sempre foi aceito e nem suficientemente explicado. Também hoje surgem questões a esse respeito. A obra *A Encarnação*, do Pe. Manuel Hurtado traz um debate sobre a questão.

O prólogo do evangelho de João apresenta de modo radical a síntese e a antítese da encarnação: a relação paradoxal de Verbo (*logoV*) e Carne (*sarx*). A resposta da comunidade cristã foi dada na definição de Calcedônia (451): as duas naturezas do Verbo Encarnado. Elas garantem a relação de descontinuidade e continuidade na unidade profunda da concepção de Pessoa. Esse evento é testemunhado pelo próprio evangelista que se vê envolvido no encontro com o Verbo Encarnado e na experiência de salvação produzida pela Sua presença.

Ora, o paradoxo da autocomunicação de Deus testemunhado por João, especialmente no versículo 14 do primeiro capítulo de seu evangelho, será sempre uma espécie de “treva luminosa”, pois a Transcendência não pode ser dissolvida na linguagem (FORTE 1995, p. 116). A concepção cristã de revelação coloca em jogo a identidade da alteridade relacional. Este conceito contribui também para a filosofia da linguagem:

É desta forma que a história do conceito de linguagem acaba recuperando o valor altíssimo do conceito de linguagem reveladora, próprio da doutrina cristã da encarnação da Palavra: somente se a linguagem proferir a coisa sem esgotá-la é que o Verbo eterno poderá se proferir na carne sem se reduzir a ela [...]. E, por outro lado, este conceito de linguagem reveladora se abre para a possibilidade surpreendente de que através de palavras humanas possa ser proferida a Palavra e no silêncio além da linguagem possa se nos oferecer o Silêncio fecundo da Origem divina do Verbo e de todas as coisas. (FORTE 1995, p. 1325)

Importante contribuição para o próprio conceito de Logos foi dada por Fílon de Alexandria, judeu que viveu nessa cidade no norte da África entre 20 a.C a mais ou menos 42 d.C. Ele conseguiu fazer a síntese entre a filosofia e a formação helenísticas com a exegese e a teologia judaicas. Seu trabalho forneceu os fundamentos para a exegese cristã dos primeiros séculos. Filon (MORESCHINI 2013, p. 130) baseou-se na visão de mundo platônico-estoica, que acreditava que o mundo visível é somente a imagem do mundo verdadeiro: o das ideias. Assim ele estabeleceu o sentido espiritual dos escritos do Antigo Testamento (DROBNER 1994, p. 137). Os teólogos dos primeiros séculos do Cristianismo se valerão enormemente dessa concepção.

As narrativas que temos da infância de Jesus em Lucas e Mateus nos apresentam o mistério da encarnação ligado diretamente a Deus, na força do Espírito Santo. Enquanto Lucas é mais genérico, usando o termo no gênero neutro, o que não teria o mesmo peso do texto de Mateus, segundo Moingt:

[...] o Espírito Santo é concebido como um *dynamis*, uma força vital, vivificante, seguramente de proveniência divina, mas não como uma pessoa subsistente e distinta, concepção da qual o Lucas dos Atos está ainda bastante distante, quando relata que os discípulos, no dia de Pentecostes, ficaram “cheios” de “Espírito Santo” (sem artigo), ou que Jesus, tendo-o recebido do Pai, “derramou” “o que vedes e ouvis” (um neutro) e que os judeus, por sua vez, são convidados a se converter para “receber o dom do Espírito Santo” (At 2,4.33.38). Essa força divina, fonte de vida e de palavra, sobrevém, pois, em Maria, como um poder fecundador e santificador pelo qual nascerá de sua carne um filho santo e consagrado a Deus, que “será chamado Filho de Deus” por que ele (*διο και*) foi gerado dessa maneira. (MOINGT 2008, p. 550-551)

Já Mateus parece mais claro, “ela se achou grávida de Espírito Santo” (sem artigo), “o que nela foi gerado é o fato (ou o fruto) do (*εκ*) Espírito Santo”; o “Espírito é designado da maneira de uma causa material, de uma semente que fertiliza Maria, a exemplo e na falta de uma semente viril” (MOINGT 2008, p. 551).

Também João alega que o Espírito é a semente de onde nascem os verdadeiros filhos de Deus. Posteriormente, a literatura gnóstica, a partir do século II, utilizará de modo associado as palavras *πνευμα* e *σπέρμα ου οιορά* e a atividade principal do Espírito Santo será inspirar as Escrituras:

No tempo de Jesus e na época anterior, o nome “Espírito Santo” ou “Espírito de Deus” é muitas vezes utilizado pelos apocalípticos, por Fílon e pelos sectários de Qumrã. Nessas três espécies de literatura, a zona de atividade essencial desse

espírito é a inspiração das Escrituras: ele toma posse da mente do profeta, ou do tradutor, ou do intérprete, para enchê-lo da palavra de Deus, que estes devem pôr por escrito. A inspiração tem como condição necessária que a mente do escritor esteja esvaziada de todo pensamento próprio, pois não deve haver mistura entre seu logos humano e o Logos divino. (MOINGT 2008, p. 551)

Vê-se a ação do Espírito sobre o escritor, inspirando-o de tal forma que, muitas vezes, considera-se que é o próprio Espírito Santo o autor das mesmas, assim como depositou a Palavra de Deus no seio de Maria. Por isso, verifica-se também o entusiasmo típico da presença da Segunda Pessoa, testificado, nos textos sagrados especialmente por Lucas:

Portanto, o Espírito Santo é ligado ao Logos (à palavra) de Deus, ele é seu veículo, é o “sopro divino” portador da palavra de Deus; sua intervenção é ao mesmo tempo santificadora: ele afasta, purifica, esvazia, “possui” a pessoa do inspirado; e física: inscreve a palavra de Deus na letra sagrada, materializa-se de certa forma. Essas representações inspiraram os redatores evangélicos, sobretudo Lucas, em quem são abundantes as cenas de “entusiasmo”: o Sopro divino deposita a palavra, a ordem de Deus no seio de Maria, enche-a, fecunda-a e torna-a mãe de um filho, desde esse instante portador da palavra de Deus. (MOINGT 2008, p. 551)

Nos evangelhos sinóticos parece ainda não haver uma ideia do Filho preexistente (SCHNEIDER 2002, 280-294). A ideia da pré-existência do Filho aparece de forma mais amadurecida no prólogo de João, juntamente com uma maior diferenciação entre Logos e Espírito Santo. João chama somente o Logos de Filho (vs. 14 e 18).

Esquema interessante para refletir sobre a Santíssima Trindade é o apresentado por Bruno Forte: o Pai é o Silêncio da origem; o Filho é a Palavra e se situa em meio ao Silêncio da Origem e ao Silêncio final do Encontro que é o Espírito Santo (FORTE 1995); “entre dois silêncios: o Silêncio da origem e o Silêncio do destino, o Pai e o Espírito Santo. Entre esses dois silêncios – os *altíssima silentia Dei* – está a morada do Verbo, o seu esplendor, a sua quênose” (FORTE 2003, p. 52). Assim, o Verbo, a Palavra de Deus, na força do Espírito Santo, revela ao homem quem é Deus e quem é o ser humano na história e na eternidade: Filhos no Filho, nascidos, assim como toda a criação, do silêncio do Pai e do Espírito (cf. Gl 3,26), “porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

4 | AS DEFINIÇÕES DOS QUATRO PRIMEIROS CONCÍLIOS

Já a partir do século II as comunidades cristãs sentem o desconforto das divergências acentuadas entre escolas e grupos na defesa de suas opiniões sobre os costumes, a liturgia e também sobre as principais verdades que sustentavam a fé dos cristãos. De modo mais ou menos incisivo essas divergências acabavam por criar divisões e, depois do Edito de Milão (313) que estabeleceu a liberdade religiosa dentro das fronteiras do Império Romano, Constantino, Imperador de Roma, acreditou que as

discussões aceras entre as comunidades cristãs, especialmente no Oriente, poderiam, eventualmente, colocar em risco a unidade do próprio Império. Foi dentro desse contexto que o Imperador convocou o primeiro concílio ecumênico da Cristandade (POTESTÀ e VIANN 2013, p. 56-58), que foi celebrado em Niceia, cidade próxima à capital, Constantinopla, às expensas do cofre imperial, desde sua convocação, transporte, estadia, acomodações e, inclusive, vigilância e pressão para que os santos padres chegassem a um acordo, quando as discussões se prolongaram por demais. Nem todos saíram satisfeitos do encontro. O concílio de Niceia (325) adotou o termo οὐσία referindo-se à essência, do qual se cunhou a expressão ὁμοούσιος, que afirma a absoluta paridade do Filho encarnado com o Pai.

Em Niceia, um dos problemas tratados foi de fundamental importância para a vida da Igreja e a Teologia: o da controvérsia ariana. Ário (±256-336), baseando-se na teologia ainda não resolvida de Orígenes, propõe uma teologia em que Pai, Filho e Espírito Santo têm cada qual uma hipóstase, mas coloca o Filho e o Espírito subordinados ao Pai. Segundo Ário, isto salvaguardaria a unidade de Deus. Entretanto, esta ideia é obviamente subordinacionista, além de apresentar vários outros inconvenientes:

O Pai, e somente o Pai, seria o Deus único, a origem de tudo, sem princípio (ἀναρχος), isto é, o único não gerado (ἀγέννητος) (até então estes conceitos designavam o mesmo processo), portanto o único eterno (αἰδίος), imutável (ἀτρέπτος) e perene (ἀναλλοίωτος). Só ele possuiria a única hipóstase divina, isto é, a natureza divina (até então não se fazia clara distinção entre os conceitos de ὑπόστασις e οὐσία. (DROBNER 1994, p. 245)

Os padres conciliares em Niceia, em sua maioria, não aceitaram a reflexão de Ário e afirmaram a fé dos cristãos na Trindade. O Filho não é subordinado ao Pai. Ambos têm a mesma dignidade, embora não sejam *o mesmo*. A gramática trinitária ainda não estava sólida o suficiente para se estabelecer definitivamente.

Foi necessário um outro concílio, convocado pelo Imperador Teodósio (347-395) e celebrado em 381, em Constantinopla (DROBNER 1994, p. 302). A teologia evoluiu nos 55 anos entre Niceia e Constantinopla, com discussões e reflexões em todos os níveis, com envolvimento da população de um modo geral e de grandes teólogos, como os Três Capadócijs: Basílio, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo. Duas questões estiveram no âmago da discussão: a divindade do Espírito Santo (respondendo à heresia dos macedonianos pneumatômacos) e a da união das duas naturezas de Cristo (em resposta ao apolinarismo) (DROBNER 1994, p. 302). Nesse concílio tivemos também a definição da divindade do Espírito Santo, de modo vinculante para toda a Igreja.

Uma comparação entre as fórmulas do símbolo niceno e as do símbolo constantinoplolitano mostram poucas diferenças nos dois primeiros artigos de fé, referentes ao Pai e ao Filho, que na prática consistem apenas de transposições, da omissão de explicações que se tornaram desnecessárias e de formulações complementares mais precisas. Mas em três passagens a profissão de fé em

Cristo é claramente ampliada: no tocante ao papel do Espírito Santo e de Maria na Encarnação, à realidade da Historicidade da paixão e morte de Cristo, e ainda à sua função escatológica como Senhor e juiz. Ganhou nova formulação toda a parte pneumatológica, que com o título κύριος equipara o Espírito Santo ao Pai e ao Filho, elaborando na έκπόρευσις a teologia de Gregório de Nazianzo e na ὁμοτιμία a de Basílio Magno. (DROBNER 1994, p. 303-304)

Já em Calcedônia (451), a opção recaiu sobre os termos πρόσωπον e ἰπόστασις para indicar o único sujeito das operações divinas e humanas do Cristo. Essas definições foram importantíssimas para a definição do dogma cristológico e, conseqüentemente, o trinitário, uma vez que, por causa de suas relações recíprocas, para se definir uma das Pessoas é necessário defini-la em relação às outras duas.

5 | O ESPÍRITO SANTO, VÍNCULO DE AMOR DO PAI E DO FILHO

Como já acenamos, a doutrina da Trindade não está explícita na Bíblia, nem foi “revelada” de modo “mágico”, mas foi o resultado do caminho de fé e da reflexão das comunidades cristãs dos primeiros séculos que buscavam compreender o Deus em que haviam colocado a própria fé. O Deus pelo qual estavam dando tudo, inclusive as próprias vidas.

No meio das perseguições, das opiniões controversas, das heresias, dos estudos e aprofundamentos, os concílios vão lapidando fórmulas que não pretendem ser instrumentos engessatórios, mas pilares sólidos sobre os quais se pudessem construir novas proposições. Se, com o tempo, essas fórmulas se tornaram amarras que acabam por aterrorizar os cristãos de outros tempos que não se sentem à vontade com essas formulações, o problema não está nas fórmulas em si, mas em quem as quer absolutas. Por natureza, como são históricas, elas devem se adequar a cada época para que o seu conteúdo continue a ser verdadeiro (FORTE 1987, p. 124-125).

a. Uma incompreensão de início: a questão do Filioque

O caminho percorrido pelas primeiras comunidades cristãs foi a partir da revelação histórica para fundamentar a doutrina trinitária. Essa foi uma constante no caminho da Igreja: passar da economia à teologia. Na teologia ocidental, latina, essa passagem da revelação de Deus na história da humanidade à teologia do mistério é expressa na doutrina das missões divinas: o Pai envia o Verbo-Filho ao mundo e, juntos, enviam o Sopro-Espírito (NOGUEIRA 1995, p. 31-39).

Na teologia latina, herdeira da reflexão agostiniana, o Espírito é a comunhão amorosa do Pai e do Filho. Santo Agostinho o chamou Amor, quando denominou o Pai Amante e o Filho Amado. São Tomás de Aquino afirmou que o nome próprio do Espírito Santo é amor, embora o termo possa ser aplicado a Deus, de modo geral (AQUINO, *De Trinitate* 15, 17, 27ss).

A definição de um dogma não resolve todas as dúvidas. No concílio de Constantinopla surge a questão do *Filioque* devido a uma ambiguidade de interpretação na tradução dos termos gregos e latinos no século IV e que mais tarde foi alegada como uma das causas da ruptura entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente (1054):

O Filho procede do Pai, que dele se distingue por não proceder de ninguém. O Espírito, por sua vez, procede do Pai e do Filho (*ex Patre Filioque*) como de um único princípio consubstancial. Além do argumento favorável da Revelação, os latinos defendem o *Filioque* como sendo o único modo de garantir a distinção hipostática, na vida intradivina, entre o Filho e o Espírito, mediante oposição relacional de processão. (NOGUEIRA 1995, 94-95)

A discussão trata da questão da processão do Espírito Santo, se é somente do Pai como propõem os padres gregos com o termo *ἐκπουσευσις*, que afirmam que o Espírito procede do Pai, pois uma hipóstase só pode vir de uma outra hipóstase. Entretanto, sob o aspecto substancial (*ουσια*), o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, sendo, portanto, consubstancial a ambos. Ou se procede do Pai e do Filho, como diz a teologia latina, que traduziu *ἐκπουσευσις* com o termo *processio*. Essa tradução criou o equívoco, pois ambos não são equivalentes. Enquanto *ἐκπουσευσις* significa que o Espírito Santo tem a sua origem no Pai, *processio* significa que a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade partilha da mesma substância do Pai e do Filho e com eles se comunica, partilhando da mesma condição de divindade. O que a teologia latina fez foi incorporar, com o termo *filioque* (do Filho) uma ideia que, originariamente, havia sido calada pelo Símbolo Niceno-Constantinopolitano, mas que estava implícita na compreensão do dogma (NOGUEIRA 1995, p. 36).

Na Trindade revelada, percebe-se a presença da Terceira Pessoa a partir de “duas funções do Espírito, *abrir* o mundo de Deus ao mundo dos homens até tornar possível o ingresso do Filho no exílio dos pecadores, e *unificar* o dividido, como acontece na hora da reconciliação pascal” (FORTE 1987, p. 112).

b. O Espírito Santo: vinculum caritatis do Pai e do Filho

Pode-se dizer que o Espírito Santo é essencialmente dom: *Vinculum caritatis aeternae*, laço do eterno amor, o Espírito é ao mesmo tempo Aquele que une o Amante e o Amado e Aquele que se distingue em relação a eles na sua especificidade pessoal (FORTE 1995, p. 160). Agostinho diz que o Espírito Santo é a unidade de um e do outro, a santidade de ambos, e também o amor deles.

O Espírito é, então, o dom da *doação* – de quem dá ou se dá – e é também o dom da acolhida – de quem recebe. Se a doação ativa – do Pai – é amor, não de menos o é a acolhida – espécie de doação de si passiva – do Filho. Se um modo de se relacionar é divino, não menos divino o é também o outro. Na Trindade tudo é dom gratuito e total.

O Espírito é aquele que dá a caridade, atesta-o a economia, e por isso – *in divinis* – é o amor dado e recebido, a *communio* do Pai e do Filho, procedente de um e de outro, embora *principaliter* do Pai, porque tudo o que o Filho tem vem do Pai... (FORTE 1987, p. 119)

Sendo dom de Pessoas diferentes, também a unidade desse dom será caracterizada pela diferença, a tal ponto que se entende esse dom recíproco, esse nós, como uma Terceira Pessoa distinta do Pai e distinta do Filho:

[...] distinto de ambos enquanto procede de um e do outro como comunhão de ambos, como nexos ou vínculo do seu amar-se recíproco, amor do Amado e do Amante, não confundível com a essência divina que é amor, porque ele é amor *personificado* que jorra da reciprocidade de relações do Pai e do Filho, o *nós* personificado da comunhão divina, o Espírito, é adorado e glorificado juntamente com ambos, porque é Deus como eles, no mesmo plano do ser divino no eterno evento do amor. (FORTE 1995, p. 159)

O Espírito Santo é o elo de ligação entre Pai e Filho, distintos e com suas respectivas especificidades pessoais. A ligação-relação só é possível por causa dessa distinção: um não é o outro, um se encontra diante do outro. A abertura de ambos, para dar e receber tem algo de diferente deles mesmos, mas semelhante entre si: é uma espécie de espiração “ativa” que significa o “ativo” encontro de Pai e Filho. O Espírito Santo se configura, então, como espiração “passiva”: “o Encontro em pessoa, seu amor enquanto recebido pelo Filho e doado pelo Pai, sua união relacional, que não cancela, mas valoriza, da maneira mais sublime, a distinção das Pessoas” (FORTE 1995, p. 161). Então, “pluralidade de pessoas significa pluralidade de relações subsistentes, realmente distintas entre si. A distinção real entre as relações divinas não se dá se não em razão de uma oposição relacional” (AQUINO STh I q. 30 a. 2c.).

Continua Tomás de Aquino sublinhando que “relações opostas pertencem a duas pessoas, relações não opostas são necessariamente da mesma pessoa. A paternidade e a filiação, enquanto relações opostas, necessariamente pertencem a duas pessoas” (AQUINO STh I q. 30 a. 2c.). Então, afirma que “a paternidade subsistente é a pessoa do Pai, a filiação subsistente é a pessoa do Filho... A espiração convém tanto à pessoa do Pai quanto à pessoa do Filho, enquanto não se opõem relacionalmente nem à paternidade nem à filiação” (AQUINO STh I q. 30 a. 2c.). Por isso, “a processão convém a uma outra pessoa, que é a pessoa do Espírito Santo, que procede como amor” (AQUINO STh I q. 30 a. 2c.).

O Espírito tem um papel criador e dinâmico, justamente porque abre a Primeira Pessoa ao Outro e, nesse êxodo, nesse dom, há a possibilidade do nascimento do novo. O Espírito Santo se configura, assim, como a fecundidade da Trindade que, *ad intra* e *ad extra* se expressa sempre como novidade amorosa. Característica peculiar do Espírito Santo é ser sempre aberto e levar à liberdade da abertura: ele exclui todo e qualquer fechamento, todo narcisismo, toda captura do Amado pelo Amante, todo ciúme e possessividade, toda estagnação portadora de morte. Em Deus, o Espírito

Santo é condição e garantia para o amor.

Ricardo de São Vítor denomina o Espírito Santo de *condilectus*, isto é, co-amado. O Espírito Santo é amado pelo Pai e pelo Filho e é amado pelo Pai enquanto este ama o Filho, doando-se totalmente a ele, e pelo Filho enquanto este acolhe o amor do Pai no Espírito.

A compreensão da plenitude desse Amor Trinitário tem consequências imediatas na compreensão da própria Igreja e de sua missão no mundo. Se se considera que Igreja é o corpo de cada cristão, distinto e amorosamente dado em comunhão para os irmãos, chega-se a uma surpreendente conclusão para a vida cristã no mundo. O cristão é aquele que vive segundo o paradigma trinitário: é dom de si ao outro, é acolhida grata do dom do outro, na mais pura liberdade do encontro, gerador de vida nova.

Por isso, para a Igreja nascente, o Espírito Santo é o “penhor dos bens futuros” (cf. Rm 8,22-24; 2Cor 1,22; 5,5; Ef 1,13-14), o Espírito, rico e doador de dons variados (cf. 1Cor 12,7-30), o maior dos quais é o amor (cf. 1Cor 13,13), fomenta a unidade da Igreja, Corpo de Cristo e reflexo da comunhão trinitária. Tudo é dom, em tudo vê-se a presença livre e fecunda do Espírito Santo.

Ser Dom é também a proposta para os cristãos. Dom gratuito. Reconhecimento do Dom gratuito: gratidão. Os dois tipos de doação: dar e receber não são óbvios e esperados, são sinal da presença do Espírito Santo *ad intra* e *ad extra*. Portanto, os seres humanos participam da comunhão trinitária vivendo a comunhão cotidiana. E, simultaneamente, o Espírito abre a história ao advento de Deus (cf. Rm 8), e, então, os homens se abrem ao Pai, “a quem podem agora dirigir-se no Espírito como filhos adotivos, chamando-lhe ‘Abba’ (Rm 8,15.26s; Gl 4,6), enquanto se lhes oferece a possibilidade de viver no amor, caminhando no Espírito (cf. Gl 5,13-25)” (FORTE 1987, p. 113).

c. O Encontro

Se o “conteúdo”, o significado, da Terceira Pessoa, o Espírito Santo, é dom, liberdade, fecundidade, unidade..., também sua “forma” vai dizer esse “conteúdo”. O Espírito Santo é o Encontro: encontro do Amante e do Amado, encontro da Palavra e do Silêncio, encontro dos distintos, encontro dos dons recíprocos, encontro de Amor...

Assim, o Silêncio não se configura como a obscuridade absoluta e a Palavra não é luz absoluta. O Silêncio originante e a Palavra originada do Silêncio “precisam” do Encontro para que ambos tenham possibilidade de existir e significar. Pode-se dizer que o Espírito é o outro Silêncio, não o Silêncio da Origem da Palavra, mas aquele em que a Palavra proferida na eternidade e no tempo ressoa e repousa para se recolher no Silêncio da Pátria, nos altos silêncios de Deus, depois de ter feito o caminho para que foi enviada. O Encontro apresenta-se como o elo, a união, a comunhão entre Palavra e Silêncio, no mais perfeito respeito às diversidades e especificidades de cada

Pessoa.

Este vínculo personificado, que exprime a comunhão na incancelável distinção das Pessoas, pode ser apresentado mediante a categoria do *encontro*. *Ela* significa, antes de tudo, a condição para a possibilidade do intercâmbio dialogal entre a gratuidade do Gerador e a gratidão do Gerado, porque sem encontro não existe comunicação profunda e real. Significa, por conseguinte, manter as distinções das Pessoas, a rejeição da confusão indiferenciada em que um simplesmente reduz o outro a si mesmo. (FORTE 1995, p. 161)

O Encontro, configurado pelo Espírito Santo, ao mesmo tempo que é unidade, é também distinção. O Espírito, como Encontro divino, mostra ao mesmo tempo como a verdadeira unidade não suprime a distinção pessoal e a autêntica relacionalidade das Pessoas.

O Espírito Santo é o êxtase de Deus: do Amante e do Amado, a “saída” de si dos dois para a recíproca entrega no tempo e na eternidade, para o Encontro entre eles e com a criação. A Sagrada Escritura fornece os argumentos usados por Forte para falar do advento de Deus na história dos homens, acontecimento que se dá no Espírito: a criação (cf. Gn 1 e 2); a profecia (cf. Nm 11,25; 24,2; 27,18; 1Sm 10,6; Is 61,1; Ez 2,2 etc.), a encarnação do Verbo (cf. Mt 1,18-20; Lc 1,35); o nascimento da Igreja (cf. At 2,1-12 etc.).

Os Padres gregos apresentam a fórmula: “do Pai, pelo Filho, no Espírito”. Nesta sequência, percebe-se uma dinâmica processual em que é o Espírito Santo a finalizar o que foi iniciado pelo Pai, através do Filho, estabelecendo, assim, uma ordem. Obviamente, nessa compreensão é preciso subtrair a categoria tempo que indica um “antes” e um “depois”. Através dessa compreensão, é o Espírito Santo que leva à plenitude, à perfeição, a comunicação em Deus e de Deus.

Nessa dinâmica do amor divino, em que o Espírito é a superabundância, a plenitude que transborda, o excesso generoso e gratuito, pode-se ver a Terceira pessoa da Santíssima Trindade como a abertura fecunda do encontro do Pai e do Filho, excluído qualquer tipo de narcisismo. Essa relação amorosa não está restrita somente às Pessoas divinas, no evangelho de João pode-se observar que a promessa do Consolador feita por Jesus é imediatamente precedida por outra promessa: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e viremos a ele e nele estabeleceremos morada.” (Jo 14,23). O coração do homem é o lugar teológico do Encontro do Silêncio e da Palavra, onde o outro Silêncio, o da escuta amorosa, se faz presente. Na força desse Encontro, se dá a Revelação. Nesse outro Silêncio do Encontro, o Silêncio da Pátria, enfim alcançada, a contemplação da Palavra se diz e se encarna na vida humana. Encontrar a Palavra leva o homem a abrir-se ao Silêncio e escutá-lo profundamente; encontrar o Silêncio é acolher a Palavra e vivê-la na transparência de cada gesto.

Ora, se é na força desse Encontro que a Revelação acontece também na Igreja, quando a comunidade cristã se dispõe a acolher, ouvir, encarnar Palavra e Silêncio,

viver concretamente a vida intratrinitária, Deus mesmo, segundo a promessa de João 14, 23, estará presente, revelando-se como Amor em plenitude no meio dos homens.

6 | O FILHO E O ESPÍRITO SANTO NO MOMENTO DO DOM SUPREMO DA CRUZ

O Encontro eterno comporta uma dimensão de separação que não pode ser eliminada jamais. Uma dimensão de êxodo sem retorno, de morte a si mesmo para a vida do outro, como aconteceu na entrega do Espírito na Cruz, como veremos a seguir.

A Cruz é um evento Trinitário: é história do Filho, é história do Pai e, da mesma forma, é história do Espírito Santo. Na Cruz repousa a pergunta do homem diante do sofrimento, da morte, da ausência. E a cruz é a resposta amorosa, a expressão da liberdade divina do Deus Trindade que ama os homens. Nessa hora de doação suprema o Espírito também faz história. Pode-se dizer que é história de Deus, enquanto, entregue ao Pai, o Espírito é a garantia da “alteridade do Filho por ele [Pai] gerado na solidariedade com os pecadores, embora na infinita comunhão expressa da obediência sacrificial do Crucificado; história nossa” (FORTE 2003, p. 66). E, desse modo, o Espírito faz com que o Filho se aproxime de nós, para que todos os distantes do Pai, os que estão no exílio, tenham acesso ao caminho, sempre disponível, para o retorno à pátria da comunhão trinitária.

Na Cruz, o Espírito Santo aparece com sua especificidade, sustentando o Amor Absoluto, ainda que este se mostre como o avesso da realidade intratrinitária, enquanto se revela num contexto de morte e de pecado, de rejeição, de abandono, de distância infinita. O Espírito Santo vive a entrega na Cruz como entrega do Amor do Abandonado ao Pai, em quem, não obstante todas as evidências contrárias, o Filho continua a confiar e a quem continua a amar. Com a entrega do Espírito Santo estabelece-se a profunda alteridade entre Pai e Filho, alteridade na qual o homem se reconhece:

Sem a entrega do Espírito, a cruz não se mostraria em toda a sua profundidade de acontecimento trinitário e salvífico: se o Espírito não se deixasse entregar no silêncio da morte, com todo o abandono que esta implica, a hora das trevas poderia ser equivocada como a de uma obscura morte de Deus, do incompreensível extinguir-se do Absoluto, e não poderia ser entendida, tal qual é, como o ato que se desenrola em Deus, o evento da história do amor do Deus imortal, pelo qual o Filho entra no mais profundo da alteridade do Pai em obediência a Ele, ali onde encontra os pecadores (FORTE 2003, p. 66).

A unidade do amor é feita de iniciativa amorosa de quem sai de si para ir ao encontro do outro e de acolhida agradecida e desarmada do outro que vem. Acolhida é ouvir o outro atentamente. Obedecer – *ob audire*, em latim – é característica do Filho, acolhedor do amor do Pai. Sua profunda relação com o Pai faz com que tudo o mais se torne “relativo”, pois somente Deus é o “absoluto” de sua vida. O “servo obediente”, em

total comunhão com o Pai, apresenta-se plenamente livre e, por isso mesmo, é capaz de promover a libertação dos outros. Somente nessa obediência livre é que pode-se compreender a vida de Jesus de Nazaré até a sua morte, violenta e injusta, na Cruz. Sua amorosa acolhida-obediência é o pressuposto de sua liberdade absoluta. Jesus Cristo é livre no amor, é livre em sua relação com o Pai que o torna sempre mais livre. Por ser livre, opta pelo amor total que se expressa na doação irrestrita, entrega-se à morte por amor: amor ao Pai e amor aos homens amados por ambos – Pai e Filho. Portanto, fora da relação livre e amorosa não é possível compreender o mistério da paixão de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A separação entre Amante e Amado, aqui, é o espaço para que outros entrem a fazer parte do imenso amor deles: é o espaço da liberdade, da fecundidade, da abertura, da novidade intrínseca do amor. Nessa dolorosa separação, Deus não é “menos” Uno, Vivo, Verdadeiro, mas é “plenamente” Deus, vivendo na história sua vida eterna. Este Encontro “abrange a morte e a vida: é vida enquanto abertura e dom vivificador; é morte enquanto êxodo e esquecimento de si” (FORTE 1995, p. 166). Pois, neste Encontro eterno, o Silêncio “morre”, porque, ao se pronunciar na Palavra,

[...] sai de si e enche seu reino com o sonoro início que é a geração eterna do Verbo; mas o Silêncio vive também em nível ulterior, porque, através da Palavra, torna a apresentar-se ou a oferecer-se como o ‘espaço’ último em que a Palavra, ressoando, repousará. (FORTE 1995, p. 166)

O Espírito Santo, que garante a distinção, está presente, quando o Filho experimenta a mais profunda distinção do Pai. É nesse momento, entretanto, que o homem pecador entra a fazer parte, com toda sua opacidade, da verdadeira vida da Trindade: Silêncio, Palavra e Encontro. O Espírito Santo possibilitará o verdadeiro encontro entre Palavra e Silêncio para que, no Silêncio da contemplação, ulterior a toda Palavra dita no Silêncio, o homem possa repousar. A Igreja, sob a ação do Espírito Santo, Consolador, Paráclito, apresentar-se-á, então, como a comunidade dos filhos no Filho, anúncio da Palavra de amor do Pai, no Silêncio contemplativo do Encontro.

7 | CONCLUSÃO

“Ele não está aqui, ressuscitou!” (Lc 24,6). Essa alegre exclamação dos primeiros cristãos indica a compreensão que eles tiveram da experiência com o Ressuscitado, o Filho que o Pai resgatou da morte na potência do Espírito Santo. Essa é já uma confissão trinitária que nos foi transmitida como memória, consciência e esperança. Portanto, a releitura pascal da história que os primeiros cristãos fizeram é uma releitura trinitária dos eventos passados, do presente das comunidades e do futuro esperado.

Os cristãos entendem que Deus se revela na história do povo judeu num processo ininterrupto e é o mesmo Deus único e verdadeiro, ao qual Jesus constantemente se

dirigia chamando-o de “*Abbá*”, Pai. A partir dessa continuidade histórica, dessa relação concreta com um povo, é aceitável se pensar na “encarnação” de Deus. O Deus-Trindade dos cristãos, assim compreendido através de Jesus de Nazaré, é Aquele Deus fiel a seu povo, único em seu amor de misericórdia, que sempre esteve presente na história do povo de Israel, caminhando com ele. Por isso, não há nada de absurdo no fato de, num certo momento, no tempo, na história, Ele se fazer presente em “carne e osso”, assumir plenamente a humanidade com a qual já havia estabelecido um pacto de aliança.

A revelação que o Filho faz do Pai e do Espírito possibilita o acesso teológico ao Deus cristão, agora entendido como a Tri-Unidade divina que, sem negar o monoteísmo, possibilita a abertura para a distinção e a relação em Deus. Essa foi a conclusão a que chegou a Igreja nos primeiros séculos do cristianismo, num processo de discernimento árduo realizado nos quatro primeiros concílios ecumênicos.

O trabalho de atualização do dogma parece fundamental porque toca duas dimensões fundamentais da vida dos cristãos e da Igreja: *ad intra* e *ad extra*. *Ad intra*, determina a auto-compreensão da Igreja e dos cristãos e a fundamentação das razões de sua fé. *Ad extra*, orienta as relações com o mundo onde a Igreja e os cristãos se encontram e desenvolvem sua missão evangelizadora. E, é preciso lembrar, nos dias de hoje, com enormes dificuldades para o diálogo e para a apresentação da proposta de Jesus Cristo, de modo “apetecível”, ao homem do início do terceiro milênio.

O Espírito Santo, que une Pai e Filho, que une os cristãos entre si e os une à Santíssima Trindade, é também aquele que desvelará a verdade toda inteira (cf. Jo 16,13). E precisamos crer que nos ajudará a encontrar o caminho para o coração dos homens, começando por nossos próprios corações, ao nos abrir para que percebamos nossa filiação divina. Sabendo-nos filhos amados, seremos mais capazes de anunciar o amor d’Aquele que nos ama incondicionalmente.

Assim, a reflexão humana sobre o mistério da Santíssima Trindade leva o ser humano a autocompreender-se como ser de relação, ser de sentido e aberto à transcendência. Compreender a relação filial de Jesus Cristo com o Pai leva a um conhecimento mais profundo da própria natureza humana e possibilita uma vivência mais profunda e, portanto, mais feliz, nas pequenas realidades cotidianas e nos relacionamentos que a isso conduzem.

Este artigo foi publicado originalmente sob o título **O Filho e o Espírito Santo** in REB (Revista Eclesiástica Brasileira), v. 76, p. 536, 2016. Petrópolis.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. *De Trinitate*.

AQUINO, T. *Summa Theologiae*.

DROBNER, H. R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FORTE, B. **A Trindade como história. Ensaio sobre o Deus cristão**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 124-125.

FORTE, B. **L'eternità nel tempo**. Saggio di antropologia ed etica sacramentale. Milano: Paoline, 1993.

FORTE, B. **Teologia da história**. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

FORTE, B. **Para onde vai o Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2003

HURTADO, M. **A Encarnação**. Debate Cristológico na Teologia Cristã das Religiões. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUÑOZ, R. **Trindade de Deus amor oferecido em Jesus, o Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2002.

MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2013².

POTESTÀ, G. L. VIANN, G. **História do Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 56-58.

SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, L. E. S. **O Espírito e o Verbo**. As duas mãos do Pai. São Paulo: Paulinas, 1995.

MOINGT, J. **O homem que vinha de Deus**. São Paulo: Loyola, 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-068-1

